ESPAÇO EM REVISTA
ISSN: 1519-7816
https://periodicos.ufcat.edu.br/espaco

A CANONICIDADE SOBRE A GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA DE ERIC DARDEL

Everton Santos Lima[1]

Como citar: LIMA, Everton Santos. A CANONICIDADE SOBRE A GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA DE ERIC DARDEL. **Espaço em Revista**, Catalão, v. 26, n. 2, p. 143–158, 2024. DOI: https://doi.org/10.70261/er.v26i2.74758. Disponível em: https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/espaco/article/view/74758

Esta obra está licenciada com uma Licença CC BY 4.0 . Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

Recebido: 01/08/2024 | **Aceito:** 02/12/2024 | **Publicado:** 16/12/2024

Resumo

O presente trabalho busca demonstrar a potencialidade existente na obra de Eric Dardel (1899-1967). O geógrafo francês possuía uma herança teórica heideggeriana e foi responsável pelas primeiras assimilações fenomenológicas na geografia, porém isso não foi suficiente para fazê-lo sobreviver e ser alçado à centralidade da discussão do estado da arte. Buscamos investigar o que é o processo de canonicidade, como a obra de Dardel possuía validade para não ser atingida por tal processo e que seu resgate é um movimento acertado da geografia crítica e dos movimentos contemporâneos. A fenomenologia na geografia ficou relegada a um esquecimento que teve que ser resgatado muito tempo depois que o tema já havia se estabelecido em outras áreas e veremos sintomas disso.

Palavras-chave: Fenomenologia. Geografias canônicas. Oficialidade.

THE CANONICITY ABOUT ERIC DARDEL'S PHENOMENOLOGICAL GEOGRAPHY

Abstract

This work seeks to demonstrate the potential existing in the work of Eric Dardel (1899-1967). The French geographer had a Heideggerian theoretical heritage and was responsible for the first phenomenological assimilations in geography, but this was not enough to make him survive and be elevated to the centrality of the discussion of the state of the art. We seek to investigate what the process of canonicity is and how Dardel's work had validity to not suffer it and that its rescue is a correct movement of critical geography and contemporary movements. Phenomenology in geography was relegated to oblivion that had to be rescued long after the topic had already established itself in other areas and we will see symptoms of this.

Keywords: Phenomenology. Canonical geographies. Officiality

Introdução

Durante o processo de constituição de toda ciência, muitas formas de enxergar os problemas existentes àquela ciência são sobrepostos por novas formas de explicar o funcionamento do que lhe diz respeito, porém, devido a fatores como o capital social e os

[1] Mestrando na Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo (SP), Brasil
e-mail: evertons.lima@usp.br

processos de canonicidades, outros são sobrepostos sem que tenham perdido a validade explicativa às problemáticas. Assim se posta o caso da fenomenologia dardeliana.

Através da análise bibliográfica e do estado da arte da geografia em suas tendências de "virada", nos momentos de rompimento do paradigma nessa ciência, nós enxergamos que uma obra se destaca na estigmatização canônica: *L'Homme et la terre: Nature de la réalité géographique* (1952). Dardel foi capaz de aglutinar uma tendência crescente nas ciências humanas, ignorado na sua área de atuação, a geografia.

Fazendo uma viagem analítica sobre os processos de estudo da fenomenologia, da instauração de canonicidade em uma obra, da sua ascendência ao patamar de clássico e, posteriormente, do sofrido na fenomenologia dardeliana, buscamos por compreender como a geografia, que por muito tentou se desprender de suas nuances humanísticas e se comportar como uma "ciência objetiva" acabou negligenciando o fato de que o objetivo está imbuído de subjetividade.

Para não cometermos erros parecidos no estado da arte da ciência geográfica, o processo de canonicidade deve ser melhor compreendido e apreendido e deve ser construído caminho para que as barreiras à produção científica sejam, cada vez mais, transpostas.

A presença da fenomenologia na Geografia

A fenomenologia pode se apresentar a partir de diferentes explicações, segundo o período histórico da ciência moderna em que se tece o olhar. Em sua etimologia a palavra é composta dos termos *fenomeno* + *logia* (estudo aprofundado de algo), portanto, objetivamente argumentando, a fenomenologia é o estudo dos fenômenos que se manifestam à realidade, já que a etimologia da palavra fenômeno deriva de *phaino (φαίνω)*, termo em grego que se configura no ato de manifestar algo, trazer à margem.

A primeira parada que podemos acentuar nesse passeio pela formação do termo nas condições da ciência moderna é sobre os nomes de William Hamilton (1791-1856) e Georg W. Hegel (1770-1831). Para Hamilton (1866, p. 17-18):

> O pensamento humano, considerado meramente em sua relação formal, pode ser considerado sob um duplo ponto de vista; pois, por um lado, ele nos é conhecido meramente pela experiência ou pela observação, — estamos meramente conscientes de seus fenômenos histórica ou empiricamente, ou, por outro, por uma especulação reflexiva, — por análise e abstração, nós procuramos e discriminamos nas manifestações do pensamento o que está contido de necessário e universal. **A consideração empírica ou histórica da nossa faculdade pensante não pertence à Lógica, mas à Fenomenologia**

> **da Mente, à Psicologia.** A observação empírica dos fenômenos necessariamente, na verdade, precede sua análise especulativa.[i]

A fenomenologia de Hamilton, portanto, se concebe próximo do que é conceituado como a apreensão do empirismo e da assimilação histórica dos eventos, é a compreensão anterior da análise do acontecimento. O autor defendia fortemente a separação radical entre o conhecimento lógico, como forma das atribuições de desvendamento da existência do homem, e a crença, a correlação entre fato e facticidade mediada pelo divino (no sentido religioso) ou por explicações que fogem à racionalidade concreta. A fenomenologia do autor é, portanto, a visão de precedência à investigação, aquilo que está inserido na análise, anteriormente dela ser tomada em fluxo materializado. Antes de olharmos algo temos preconcepções daquilo, e isso é o que Hamilton aponta como uma fenomenologia da mente, ou o que ele chama de "análise especulativa" (1886, p. 18).

Por sua vez, Hegel realiza uma análise difusa do termo em seu tateio intelectual do termo, presente no título de seu *magnum opus*, Fenomenologia do espírito (1807). Neto (2011) demonstra que existiu uma incerteza linguística de Hegel acerca do título de sua obra, ele aponta que ele fora trocado por duas vezes antes da decisão final do uso do termo "Fenomenologia do espírito". Primeiro seria optado o uso do nome "Ciência da experiência da consciência", logo trocado por "Ciência da Fenomenologia do espírito", mas a impressão oficial da obra saiu como a já supracitada "Fenomenologia do espírito", essa movimentação terminológica é completamente intencional, o que Hegel buscava, segundo Neto (2011), era a valorização do termo "Fenomenologia do espírito", concebida por ele como a função relacional existente entre ciência e Lógica.

O que buscamos na fenomenologia de Hegel, talvez se encontre na divisão triádica que ele compõe acerca do que chama de espírito subjetivo. A primeira das repartições é a do espírito da natureza, seguida pelo espírito para si e pelo espírito que determina a si. A repartição do espírito para si "é a consciência e o objeto é a Fenomenologia do espírito" (Neto, 2011, p. 2), ou seja, a consciência é a assimilação da existência aparada pela fenomenologia do espírito, que age como espécie de lente focal à consciência.

Categoricamente, Neto (2011, p. 3) define a fenomenologia para Hegel como "aquilo que aparece e carrega em si a absolutez da verdade, sentido distinto de sua semântica original: teoria da aparência". Gomes e Castro (2010, p. 1) definem esse mesmo momento como "a descrição histórico-racional da experiência que a consciência faz de si em seu desenvolvimento dialético".

Tanto para Hamilton, quanto para Hegel, a fenomenologia possui uma forte herança teórica de Kant, onde se coloca entre a distinção entre real e percebido e, ali, se consagram os apetrechos da percepção que encorpam a fenomenologia. Se o percebido é o fenômeno, as concepções da percepção não existem sem as suas ligações histórico-racionais, estas que estão imbuídas nas circundações do ser. O fenômeno não é pleno e findo em si, mas a consciência de seu ato é permeado pelas formas de assimilação do fenômeno pela consciência. Porém, a fenomenologia, como concebemos para a Geografia neste presente trabalho, tem outras linhagens teóricas, mais especificamente provindas de Martin Heidegger (1889-1976), forte influência na obra de Eric Dardel (1899-1967), que, por sua vez - Heidegger -, provêm seus escritos das trocas de fundamentações teóricas com Husserl (1859-1938). Husserl tem em sua obra a conceituação da *life-world* (mundo vivido), onde ele concebe que a distinção entre a ciência e a vida cotidiana não são contradições radicais, mas que, em crítica profunda às concepções positivistas racionais, uma reprodução sociometabólica rígida e regida pela cientificidade produz mundos vividos idealizados, que fogem ao real tanto quanto aqueles condenados pela ciência dura e fria. O mundo vivido, portanto, é o mundo direto das experiências e experimentações (Husserl, 1970). Relph (1979, p.3) descreve que a concepção de Husserl se situa na denúncia de que "a ciência não somente se tornou muito deslocada de suas origens no mundo vivido, mas está atualmente no processo de reconstituição do mundo vivido em termos de suas próprias **imagens científicas idealizadas**[ii]". A principal ideia está no que seria essa idealização imagética da ciência, que se configura no entendimento de que a vida cotidiana, não apenas na concepção da socioreprodução metabólica dos corpos sociais, mas também na estipulação de vivência do *zeitgeist*, como concebida na obra de Lefebvre (2014[1947]), se dá. Ou seja, a idealização científica não é a realidade do mundo vivido e, portanto, não são as pessoas comuns que devem basear suas crenças na cientificidade pura e dura, mas sim a ciência que deve tecer olhos à vida cotidiana, e nela encontrar teias científicas. Outro momento a ser pontuado nos estudos de Husserl é que a ciência projeta uma coisificação e uma objetificação dos elementos do mundo vivido, ou, segundo Relph (1979, p. 3) "indivíduos e grupos de pessoas se tornam casos e exemplos de categorias, lugares tornam-se localizações", estipulando assim uma espécie de assepsia desses elementos, parecendo que os aspectos subjetivos da vivência não existem ou não possuem relevância suficiente para serem alcançadas pela ciência, negando a faticidade de que existem aspectos objetivos à realidade na pura subjetividade. A pura mecanicidade dos atos do homem - como ser e não como gênero - é ilógica tanto quanto a fé, mas isso não impede que nenhum dos dois seja

idealizado, tanto o mundo sensível e metafísico do divino, quanto uma sociedade puramente cientificizada.

Através desse primeiro contato com Husserl estipulamos caminho ao principal pensamento que se derrete sobre a nuclearidade da obra dardeliana, o pensamento de Heidegger acerca do ser.

Heidegger (2015[1927]) tem duas fundamentações principais no quesito relacional à obra de Dardel: a alteridade da assimilação da existência do ser e o aspecto geográfico, esse mais desenvolvido pelo geógrafo francês, dessa concepção de alteridade. Para Heidegger a consciência da existência é assimilada no princípio da alteridade do corpo, ou seja, eu me reconheço no aqui, porque concebo o contraposto, o aí. O relacional é dado no sinal que vai do ponto A ao B, que ao retornar dá o *input* da concepção de consciência ao ponto A, que também permite essa verificação no ponto B. Mas esse movimento não é apenas de tomada da consciência, se existe um aí e um aqui, esse processo não também se torna geográfico? Se o ser se concebe consciente num processo dialógico a outrem, esse processo não é intrinsecamente mediado pelo espaço? É nisso que Dardel se debruçou e trará a gênese da ideia de geograficidade. Pois bem, se atendo a Heidegger momentaneamente, seu grande enfoque está na separação entre o Ser e o Ente. Ao denunciar a substantivação do Ser, sua plena concepção pré-estabelecida ao estruturar os questionamentos, esconde-se a pergunta endereçada a questionar o que seria o Ser e nisso ele aponta uma "entificação" do mesmo. O Ser sendo seria, portanto, o Ente. A existência em ato, o ato em atuação, isso seria o Ente. Mas o Ser é aquilo que se concebe antes do ato de agir. Se o Ente se desdobra no ôntico, o Ser está flutuando no ontológico. O Ser está em todo lugar, mas está em lugar nenhum. Ele não é inerente às entidades e para ser discernido precisa de uma compreensão contínua de si, que não deve ser abandonada ou levaria a um encontro gritante consigo mesmo.

Essa problematização da filosofia heideggeriana é fundamental para entender a figura do homem que se relaciona com o espaço. Se o Ser se concebe consciente na alteridade e a alteridade é mediada pelo espaço, a própria concepção *uno* já está geograficizada.

Talvez um último enfoque para compreender a fenomenologia dardeliana possa ser vista na obra de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). O filósofo francês é muito categórico com a questão da percepção e da senciência do corpo. É através do corpo que experimentamos o mundo e, portanto, é por ele que apreendemos as sensações do que nos rodeia. A interconexão entre corpo e mente, essa sobrevalorizada na história da filosofia, é tão plena que em muitos momentos é impossível distinguir quem age como sujeito e quem age como objeto nas relações dadas ao corpo. Em sua obra "Fenomenologia da percepção"

(2018[1945]) Merleau-Ponty demonstra uma ideia de como a mudança dos pontos referenciais do corpo implica em confusão total dos sentidos até a realocação desses pontos referenciais em nova ordenação. Essa relação entre corpo e mente é chamada de carne, e através dos sentidos temos outras formas de entender, apreender e absorver o mundo, nessa confluência da carne através da consciência dos sentidos (Merleau-Ponty, 2019).

O corpo possui seus próprios apetrechos para compreender o mundo, que não necessariamente são as leituras da mente acerca desse mundo. O que dá a plenitude da compreensão do meio é a confluência de ação. Tomamos como dado a lateralidade que se desenvolve na infância, mas se porventura os sentidos forem invertidos esse fato dado se perde de sua faticidade e a confusão entra em jogo, para Merleau-Ponty, não seria apenas a mente que faria a correção da confusão de orientação, mas também o corpo. A corporeidade possui sua própria inteligibilidade e suas formas de apreensão da experiência da socioreprodução. Essa representação do corpo na obra de Merleau-Ponty pode ser absorvida no seguinte trecho: "A gênese da percepção desde os "dados sensíveis" até o "mundo" devia renovar-se em cada ato de percepção" (Merleau-Ponty, 1999[1945] p. 141), afinal de contas é o corpo que dá o primeiro contato da percepção, através do tato, da visão, da audição, do olfato e do paladar, sendo assim essas percepções a todo momento se modificam, mas mantendo uma basilaridade anterior. Conhecemos as cores, os cheiros, os sabores, etc., mas eles se mostram em outros contextos e em novas formas e é nisso que está essa renovação do ato da percepção.

Essa breve cominação de pensamentos fundantes de uma fenomenologia, deixando claro que nem todos os autores descritos se entendem como fenomenólogos, serve para dar fundamentação das concepções presentes na obra de Dardel, porém, antes disso, tomamos endereço ao processo de canonização que o autor sofreu no meio da Geografia. Compreender o que é este termo e esse processo é o ponto anterior a discutir a magnitude esquecida do geógrafo francês.

O que é a canonicidade?

A ideia de um cânone provém da oficialidade de algo, no caso do cristianismo se refere aos quatro evangelhos oficializados pela Igreja na Bíblia. O cânone é aquilo que dita o ritmo "verdadeiro" de algo. Ele é o responsável por dar ar institucional na funcionalidade de um mecanismo, ou, para Lima (2022):

> A ideia de canonicidade está atrelada, nesse sentido, aquilo que se gruda nas paredes históricas de uma ritualidade, ou seja, um modelo de regra que serve para contar a historicidade de um objeto. A regra se dá na rigorosidade que os ritos possuem em suas representações. (p. 2)

Porém, antes mesmo de entrar na discussão acerca de uma canonicidade geográfica, já devemos ser categóricos em demonstrar que a definição aqui tomada vai à contramão do senso estipulado. O cânone geográfico é aquilo que, outrora, já fora utilizado como uma das formas de enxergar aquele pensamento, mas agora está estigmatizado à esfera do esquecimento ou de adjetivações confusas, errôneas ou deslocadas. Para Keighren et al. (2012) a canonicidade nos textos da ciência geográfica é daqueles: "que foram centrais na formação da disciplina, mas […] não necessariamente continuam a falar de forma significativa com o presente" (p. 5). Portanto, os cânones em algum momento causaram um impacto na ciência a qual pertencem, ou talvez tenham sido levemente lembrados, mas foram posteriormente varridos para fora das linhas discursivas da ciência a qual se aplicam, sendo postergados ao esquecimento, ou ao resgate anos depois.

Kuhn (2017) aponta que a ciência é composta historicamente nos circuitos de consagração que a direcionam a uma linha dominante, um paradigma. Um paradigma seria, dentro disso, uma forma consagrada em assimilar as formas de abordagem de uma determinada problemática. Os paradigmas se colocam em posição privilegiada na linhagem histórica de uma disciplina e a forma a qual sofrem substituição é quando uma nova forma de abordagem atende aos requisitos científicos para se tornar uma melhor explicação para os problemas ao qual se submete a adentrar. Porém, essa substituição paradigmática não é instantânea e automática, ela depende de uma aglutinação de capital social dentro dos circuitos de consagração que a validam (Bourdieu, 2008). Ao tecer críticas acerca do mecanismo de validação onde se alicerçam os conhecimentos das instituições acadêmicas, Bourdieu demonstra como o circuito de consagração estabelecido nessa forma acaba positivando os rituais estabelecidos por aqueles inseridos nesse circuito, indo contra a ideia de que os circuitos de consagração seriam mais válidos conforme a distância do objeto. Se a forma contêm essas vicissitudes em sua validação, interno a ela só podem existir mais formas de manutenção de capital social sobre as relações. É nisso que está a ideia do paradigma kuhniano. O paradigma é a melhor forma de se abordar uma problemática, mas não necessariamente ele é, cientificamente, o mais assertivo. A alocação de uma linhagem argumentativa ao patamar paradigmático também possui uma forte consonância das validações provindas do capital social.

O paradigma científico estipula a forma padrão da ciência e sua quebra funciona numa movimentação bem simples. Uma forma de abordagem ascende, toma forma de paradigma consagrado, outra forma começa a tecer explicações para aquela problemática, autores a incorporam às suas resoluções, essa nova forma encorpa e ascende, tomando forma de paradigma consagrado. A grande questão aqui apregoada é que a incorporação feita das resoluções de um autor não é plenamente orgânica, ela também depende das capacidades de aglutinar pensamento conjunto de outros pares a utilizarem a teoria em movimento de substituição ao paradigma, através do capital social daquela teoria e seu produtor.

Portanto, o paradigma é formado então pelo que chamamos de clássicos. Os clássicos são o escopo teórico de abordagem de uma problemática que possuem maior validação frente aos pares e ao corpo acadêmico. Antes de mais nada tomemos uma definição da ideia de clássico, já que se está estipulado que os canônicos são obras que perderam a força teórica aos estudos geográficos e ficaram relegados à sombra da historiografia da ciência geográfica e, para isso, Keighren et al. (2012) tem uma boa definição:

> Aqui, entendemos textos clássicos como aqueles que exerceram um papel distinto na formação da disciplina Geografia e que permanecem intelectual ou pedagogicamente importantes no hoje; textos que falam com seu tempo, mas também olham para a frente. (p. 4)[iii]

A colocação de um clássico não é contraposição direta à existência de um canônico, porém o clássico é aquilo que resiste às intempéries da ciência. Porém, a sobreposição de certos textos a outros não invalida a capacidade dialógica dos canonizados, já que tal processo pode ocorrer por diversos fatores. Dentre esses fatores temos alguns diretamente correlatos as concentrações e disposições do capital social que flui entre as cadeiras das disciplinas, temos a sobreposição de metodologias e temas que acabam soterrando certos autores/assuntos, temos a criação de redes que sobrepõe certos autores/assuntos e, talvez um dos motivos mais visualizáveis no *zeitgeist*, principalmente pelos estudos decoloniais é o fator linguístico, Keighren, et al. (2012, p. 10) corrobora tal fato no seguinte trecho:

> A influência pejorativa da hegemonia anglo-americana nas publicações de geografia humana contemporânea – impulsionadas, em parte, pela emergente significância da bibliometria de tendência anglófona na avaliação de produção da investigação dos geógrafos – tem sido objeto de muitos debates recentes.[iv]

A dominância anglófona nas ciências em geral também pode ser, no caso brasileiro, um domínio francófono (Arantes, 1994). Essa questão da língua dominante causa uma

refração do objetivo científico, demonstrado claramente que a ciência não corre por vias objetivas da melhor resolução às problemáticas. Os caminhos dos paradigmas e, consequentemente, dos clássicos, também é percorrido por processos geopolíticos de dominação. Países colonizados tendem a receber influência dos colonizadores, países periféricos também recebem influência de pólos do capitalismo global, como no caso Brasil-França, mas isso não invalida a potência teórica dos autores, isso deve ser ponto bem claro, apenas deixa evidente, que nesse processo, muitos autores podem ter sido soterrados por não possuírem tanta capacidade de fluir entre os centros da produção científica.

No caso de Eric Dardel, a canonicidade que atravessa a potência de sua obra é mais *sui generis*. Durante o século XX podemos enxergar, de forma vulgarizada, um movimento de quebra das tendências da pesquisa no *locus* central da geografia. Se podemos falar uma geografia clássica/tradicional na virada do século com nomes como Ratzel (1844-1904), Hettner (1859-1941), La Blache (1845-1918), dentre outros. Esse momento é sobreposto canonicamente, mesmo com a manutenção da validade teórica potente de autores destacados, pela ascensão da chamada geografia quantitativa, onde surge uma tendência de matematização da ciência geográfica, a negação entre uma separação entre os aspectos das ciências humanas e da natureza, tudo isso impulsionado por um desejo desenvolvimentista do pós-Segunda Guerra. Curioso é o fato de que os primeiros escritos de um dos maiores expoentes do próximo momento da geografia estavam no ciclo da geografia quantitativa, David Harvey (1935-), em seu livro "Explanation in Geography" ainda havia, epistemologicamente, uma geografia teorético-quantitativa, mas logo ele abandonaria essa perspectiva pela assimilação da geografia crítica (Harvey, 1969). O geógrafo britânico fora um dos principais propulsores do momento crítico da geografia, composta por uma entrada das vertentes marxistas e de análises mais problematizantes aos aspectos sociais, nomes como Milton Santos (1926-2001) e Yves Lacoste (1929-) se consagram na parede da geografia mundial.

O *magnum opus* de Eric Dardel surge no ano de 1952, a geografia quantitativa dominava o escopo de discussão da área, suas perspectivas fenomenológicas só teriam espaço nos anos 1970 sobre as figuras de Tuan (2012[1974]; 2013[1977]; 2013 [1979]) e Relph (1979; 1981), principalmente esse segundo que o utiliza em sua tese de doutoramento. Porém, ele sofreu um processo de resgate.

Dardel

Eric Dardel nasceu em 1899, em Montagris, na França. Foi professor de História e Geografia e diretor de liceus entre 1925 e 1955. Dardel possuía uma grande ambiência intelectual através de seu sogro Maurice Leenhardt (1878-1954), pastor e etnólogo, de seu amigo Mircea Eliade (1907-1986), filósofo, romancista, mitólogo e especialista em religiões e, principalmente, de seu cunhado Henri Corbin (1903-1978), filósofo, o qual foi o primeiro tradutor de Heidegger para o francês (Nascimento, 2022) e muito do emprego terminológico dos pensamentos heideggerianos na obra dardeliana são provenientes dessa influência.

Antes do resgate da obra de Dardel a sua publicação original, *L'homme et la terre* (1952), foi de pouca circulação. Porém, a abordagem própria e inovadora demonstra um dos raros vislumbres do nascimento de uma vertente num segmento científico - a fenomenologia na geografia.

Dardel (2019), em seu livro, aponta a existência de sete "tipos" de espaço e cinco momentos da geografia, onde podemos visualizar elementos próprios e "fases" históricas do posicional da ciência geográfica. Essa categorização não é puramente objetiva, ela demonstra a complexidade da percepção, como a percepção não existe em *uno*, ela é partimentada e múltipla, é rasa e profunda, simples e complexa, existe na contradição plena, sem deixar de ser lógica.

O espaço geométrico é aquele dotado de singularidade própria, ele tende a homogeneizar um local para torná-lo reconhecível. Ele é o espaço vulgarizado para a compreensão, das cidades, dos lugares. Parece não possui, dentro dessa singularidade, as texturas da confluência de encontros, tenta ser abstrato e asséptico, ou:

> O espaço geométrico é homogêneo, uniforme, neutro. Planície ou montanha, oceano ou selva equatorial, o espaço geográfico é feito de espaços diferenciados (...) A geometria opera sobre um espaço abstrato, vazio de todo conteúdo, disponível para todas as combinações. (Dardel, 2019, p. 2)

O **espaço material** parece ser o espaço que está ao jogo da disposição da vontade dos homens e seus desejos, o espaço dotado de valoração ou de intenção de utilidade para o homem.

> Esse espaço material não é, de forma alguma, uma "coisa" indiferente, fechado sobre ele mesmo, de que se dispõe ou que se pode descartar. É sempre uma matéria que acolhe ou ameaça a liberdade humana (...) O antropocentrismo não é uma imperfeição, mas uma exigência inelutável. (Dardel, 2019, p. 8)

Nele podemos enxergar as rotas comerciais, as conquistas territoriais, os espaços que são "diminuídos", as redes estabelecidas, etc. Os desígnios do homem em seu processo de desbravar a Terra são dados sob a perspectiva do espaço material.

Por sua vez, o **espaço telúrico** é dotado de uma complexidade de entendimento próprio, seria o "espaço-terra", um espaço onde a presença do solo, da terra, das formas da crosta terrestre pertencem à abordagem. Dardel se utiliza do exemplo do arado que toca à terra ou do silogismo dos Himalaias para os hindus e, numa passagem magistral da demonstração desse fator telúrico, ele demonstra como a mesma montanha significa para Friedrich Hölderlin (1770-1843) e Friedrich Nietzsche (1844-1900) coisas completamente diferentes. Ambos sendo alemães enxergavam os Alpes de forma completamente distinta, demonstrando as suas percepções conflitantes que possuíam desse espaço-terra. O primeiro via a montanha como o lugar onde a manifestação do divino podia ser contemplada e o segundo como um obstáculo imposto à sua caminhada.

Já o **espaço aquático,** é dotado de um simbolismo dualístico muito potente, onde a água representa a vida e a secura a morte. O espaço aquático não é apenas o dos mares, responsáveis por 70% da superfície de nosso planeta, é também dos ambientes onde ela possui grande influência - Rio de Janeiro, Veneza, Salvador, Tóquio - e dos imaginários que ela cria, não só no indivíduo, mas no corpo social.

No caso do mar, verdadeiro espaço dominante na Terra, ele também cria a imaginação do desconhecido, do abismo, onde surgem as histórias fantásticas de sereias, leviatãs, ilhas desconhecidas que se movem com as ondas, etc. O espaço aquático é o da vida, mas também do encanto pelo desconhecido, do possível e do amedrontador, mas ainda também é o espaço da conquista para alguns povos como holandeses, portugueses, espanhóis, ingleses e norte-americanos. O mar, dependendo da escala, assusta e encanta em medidas que só o subjetivo é capaz de apresentar.

Se o espaço aquático está na dualidade entre atração e temor, o **espaço aéreo** está diretamente ligado ao feérico e ao divino. É dele que vêm a luz, as dádivas da chuva, o calor do sol e a sombra das nuvens, sua única negação vem à noite, quando se torna desconhecido trazendo a escuridão. Dardel também *linka* esse espaço aéreo a certos termos descritivos das sensações, que tendem a aproximar-se dele, como calor, frio, ardor, glacial, sempre termos relacionados a temperatura, à primeira interpretação do corpo com o ambiente.

O espaço construído é o último dos tipos abordados pelo geógrafo francês e, provavelmente, o mais simples de ser conceituado. O espaço construído é aquele trabalho pelo homem, é o espaço agricultado, as plantações de arroz na Ásia, a agropecuária brasileira, as

fazendas de estufa holandesas. São espaços moldados à forma do homem, mas não devem ser confundidos com os espaços materiais. O espaço construído já foi tocado pelo desejo humano, o espaço material tem esse potencial e pode, ou não, ter sido. O sentido do espaço material é a valoração existente na alteridade visível entre homem e espaço, já o espaço construído já foi tocado e modificado, como nas grandes cidades.

Assim estão postuladas as tipificações acerca do espaço estabelecidas na obra de Dardel (2019). É possível entender que as subjetividades extraídas dessas formas são próprias a cada homem, grupo, sociedade, etc. A apreensão desses espaços e tão única quanto. A paisagem acaba sendo a assimilação plena desses espaços e ela atravessa de forma diferente os corpos. A paisagem é a forma experienciada máxima, é por ela que estamos expostos ao mundo e na confluência entre sentidos e percepção tiramos nossas apreensões acerca do espaço. Um exemplo utilizado por Dardel (2019) está na figura da música, ele demonstra como Beethoven (Symphonie Nr 5 in c-Moll [*Symphonie des Schicksals*]), Claude Debussy (*La Mer*) e Weber (*Der Freisch Freischütz*) conseguem captar percepções subjetivas muito potentes do campo, do mar, e do selvagem, respectivamente.

Outra perspectiva interessante da força teórica de Dardel está na sua configuração dos períodos da história da geografia. O autor entende que a relação do homem com a Terra também é mediada pelo tempo e, é nele que ocorrem algumas das diferenciações sensoriais quanto a ela. A percepção do que ela representa se modifica tanto no espaço, quanto no tempo, criando, ou sendo capturada, pelo *zeitgeist*.

O que é chamado de **geografia mítica** está intrinsecamente ligado à ideia de Terra como gênese, como "mãe" dos homens. Nesse momento a Terra e suas formas estabelecem aspecto relacional com a criação, onde o homem nasce dele ou é formado por ela, seja no mito da criação cristã, da sua forma provinda do barro, ou da semelhança entre as palavras *húmus* e *humanus*, ou, além disso, a apreciação do conjunto vale-montanha como as coxas do feminino. O mito da criação não é somente dela, mas também se faz presente continuamente, mantendo uma ciclicidade do mito e, essa presença contínua, também significa a necessidade de honrar os "pactos de gênese" firmados para com ela. Plantar, morar, andar sobre a trera se tornam aspectos ritualísticos que necessitam respeito e aclamação de quem provém tal dádiva: a Terra mãe.

Em outro momento podemos enxergar a **terra profética**, onde sua forma é tomada como palco dos acontecimentos a porvir, ela se torna a âncora da existência dos homens, mas o que importa são os acontecimentos que nela ocorrem. Nela:

> A terra não é origem; ela não está no começo da vida e do Ser. Ela é uma obra, uma criação. Ela não é por si mesma mais que essa substância "informe e vazia" do Caos, "abismo" e "trevas"; espaço antes do espaço. Antes que uma "extensão" separe as coisas e faça aparecer o espaço, somente o "espírito de Deus se movia sobre as águas". Essa visão não tem o sentido de uma "história" do mundo, na acepção de um conhecimento do passado original; ela se projeta sobre o futuro, é profética (Dardel, 2019, p.67).

Então, na terra profética da obra dardeliana, a terra é apenas o espaço à priori postado, onde as querelas do homem discorrem. Como na mitologia os homens são apenas os brinquedos com os quais os homens julgam o destino a sua graça, a terra é o primórdio amorfo onde se dará a reprodução do homem.

Assim chegamos a **geografia heroica**, dos grandes feitos. A Terra se torna o objeto do descobrimento dos desbravadores, pioneiros e destemidos. Ela age em contraposição à geografia mítica, que é grupal, do povoado, do conjunto, sendo assim, a geografia heroica é a dos "grandes homens", aqueles que se embebem na coragem de desvendar o desconhecido e tocar os palmos de terra nunca vistos. Dardel pontua que esse mundo geográfico, como na Odisseia, a geografia é plano de fundo pouco importante, sendo sobreposto os feitos daqueles que a descobrem. O mundo já parece estabelecido por uma aristocracia e tudo que importa é a aventura e nisso o fantástico e a realidade se misturam. Dragões, rios míticos, animais marinhos gigantescos tomam forma nos relatos dos grandes navegadores. Curioso é essa contradição, ao mesmo tempo que nega a geografia mítica, ela é permeada por ela, porém sem o rito fundante da Terra como gênese.

Durante a **geografia das velas desfraldadas**, termo emprestado de Lucien Febvre (1878-1956), temos um segundo momento da geografia heroica, aqui as conquistas saem do imaginário e atingem o material. É a geografia do sucesso da empreitada de desbravamento, ou:

> Ela é também um capítulo da geografia heroica, o heroísmo aqui sendo o risco assumido, a coragem de planejar uma empreitada e executá-la, a determinação das individualidades fortes, algumas vezes com fim trágico, como nos casos de Magalhães ou de Lapérouse. (Dardel, 2019, p. 78).

Se a geografia heroica é a do descobrimento, a das velas desfraldadas é a da conquista. Aqui os empreendimentos têm objetividade. A extração, conquista, dizimação, tomada. Surge um fato econômico pulsante no processo.

Esse movimento nos leva ao último etapismo dardeliano, a chamada **geografia científica**, onde os riscos são diminuídos e a busca de leis de regência da natureza sofrem uma tentativa de descobrimento. Ela é "num certo sentido, oposta à realidade geográfica, que exige o esforço da vontade" (Dardel, 2019, p.83). Sua fundação ocorre sobre a figura de Alexander von Humboldt (1769-1859) e estava fincada, através da descrição do mundo, no desejo de mapear os fatos geográficos, para buscar leis gerais neles. Também é a geografia de nomes como Carl Ritter (1779-1859), Élisée Reclus (1830-1905) e Eduard Suess (1831-1914).

Dardel também tem a urgência de anunciar que tanto os aspectos da "geografia física ou biológica é humana (...). Porque a montanha ou o mar não são a montanha ou o mar de modo abstrato" (Dardel, 2019, p. 87). Porém, talvez sua maior contribuição seja o conceito de geograficidade. A geograficidade é a composição de que o homem apreende o espaço no puro ato relacional da existência, de forma de assimilação da alteridade, muito próximo à concepção do Ser de Heidegger. Estamos apreendendo as características do espaço, para ele o grande enfoque é a paisagem, a todo momento e de toda forma, para além do objetivo, afinal "a objetividade por si mesma não é uma garantia absoluta de verdade, que ela falha se nos abandonarmos sem reserva" (Dardel, 2019, p. 92). A objetividade possui subjetividade intrínseca a si, e ela é proposta por essa figura da geograficidade.

Conclusão

A explicação mais concreta para o entendimento da canonicidade sofrida por Dardel está presente em dois fatores principais que podem fugir à profundidade analítica. A primeira pode estar em sua incapacidade de estar presente nos circuitos de consagração da ciência à época, afinal de contas não possuía posição de catedrático e sim de professor e diretor de liceus, na França. O outro motivo é que sua obra surge no momento de fervor da geografia teorético-quantitativa, fazendo com que trabalhos mais humanistas ficassem esquecidos nas prateleiras.

Embora seja fácil apontar que o autor não tenha sofrido uma canonicidade na apregoação conceitual feita em Keighren et al. (2012), apontamos a existência desse processo na questão de que o autor foi capaz de acompanhar e geograficizar questionamentos potentes e inovadores na filosofia à época e seu processo de resgate, nos anos 1970, é tão surpreendente que faz questionar como esse autor não foi utilizado anteriormente. Dardel tinha potencialidade e estava a par das discussões profundas quanto a objetividade da subjetividade e a figura do Ser, porém foi engolido pelo *zeitgeist*.

[i]Tradução nossa do original: "Human thought, regarded merely in its formal relation, may be considered in a two fold point of View; for, on the one hand, it is either known to us merely from experience or Observation – we, are merely aware of its phenomena historically or empirically, or, on the other, by a reflective speculation – by an analysis and abstraction, we seek out and discriminate in the manifestations of thought what is contained of necessary and universal. Grifo nosso.

[ii] Grifo nosso.

[iii] Tradução nossa do original: "Here, we take classic texts to be those that have exerted a distinctive role in shaping geography's discipline and that remain today intellectually or pedagogically important; texts that speak to their time, but that also look forward." Keighren, et al. (2012, p.4).

[iv] Tradução nossa do original: "The pejorative influence of the Anglo-American hegemony in contemporary human geographical publishing – driven, in part, by the emerging significance of Anglophone-biased bibliometrics in assessing geographers' research output – has been the subject of much recent debate." Keighren, et al. (2012, p.10).

REFERÊNCIAS

ARANTES, P. **Um departamento francês ultramar**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

BOURDIEU, P. **Sketch for a self-analysis**. Chicago, University of Chicago Press,2008.

DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2019.

DARDEL, E. *L'Homme et la terre: Nature de la réalité géographique.* Orléans: Éditions du CTHS, 1952.

GOMES, W. B.; CASTO, T. G. de. A descrição histórico-racional da experiência que a consciência faz de si em seu desenvolvimento dialético. Psicologia: Teoria e pesquisa, v. 26, n. 1, 2010.

HAMILTON, W. **Lectures on Logic**. Londres: Willian Blackwood and sons, 1886.

HARVEY, D. **Explanation in Geography**. Londres: Edward Arnold, 1969.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HUSSERL, E. **The crisis of european science and transcendental phenomenology**. Nova Iorque: Northwestern University Press, 1979.

KEIGHREN, I. M.; ABRAHAMSSON, C. DORA, V. D. On canonical geographies. **Dialogues in human geography**, v. 2, n. 3, 2013.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

LEFEBVRE, H. **Critique of everyday life**. London: Verso, 2014.

LEFEBVRE, H. **Critique de la vie quotidienne**. Paris: L'arche, 1947.

LIMA, E. S. Canonicidade na história do pensamento geográfico: o que escolhemos não escolher. **História, natureza e espaço**, v. 11, n. 2, 2022.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **Phénoménologie de la perception.** Paris: Gallimard, 1945.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2018.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, F. C. A bifurcação da natureza e o espaço como evento: os contatos de Eric Dardel com Alfred Whitehead. **Geosul**, v. 37, n. 84, 2022.

NETO, P. A. G. Hegel: fenomenologia, saber fenomênico e formação. **Anais do congresso de fenomenologia da região centro-oeste**, 2011.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, v. 4, n. 7, 1979.

RELPH, E. **Place and placelessness**. Nova Iorque: SAG Publications, 1979.

RELPH, E. **Rational Landscapes and Humanistic Geography**. Londres: Routhledge, 2015.

TUAN, Y. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: EDUEL, 2013.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: EDUEL, 2012.